

APRENDIZAGEM COLABORATIVA E RESPONSABILIDADE SOCIAL NOS CURSOS DE MODA E ADMINISTRAÇÃO: UM PROJETO INTERDISCIPLINAR ENTRE CURSOS

Ana Paula Furlan¹, Reginaldo Aparecido Carneiro², Ana Mae Barbosa³

¹Doutoranda do programa de Design da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Docente e gestora UniCesumar, Maringá. Curso Design de Moda, ana.furlan@unicesumar.edu.br

²Doutor, docente e gestor UniCesumar, Maringá. Curso de Administração. Reginaldo.carneiro@unicesumar.edu.br

³Orientadora, Pós-doutora, Programa de Design da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. anamaebarbosa@gmail.com

RESUMO

O presente artigo se justifica teoricamente por contribuir com a temática social e contempla um estudo de caso de um Projeto Social de cunho sustentável com processo de aprendizagem colaborativa, conectando dois Cursos de graduação do Centro de Humanas e Sociais Aplicadas – CHSA -, de uma IES privada, na cidade de Maringá, PR. A ideia inicial surgiu da relação dos coordenadores dos Cursos de Moda e Administração com a responsabilidade social, mais precisamente, os Projetos Sociais e, após um alinhamento de ideias, veio o embasamento do projeto: atender a comunidade local em demandas relacionadas a algum tipo de produto em que estejam necessitando. Para que o projeto pudesse acontecer, a priori, houve um intercâmbio entre os dois Cursos supracitados: Moda e Administração. Cada coordenador desses Cursos ficou responsável por uma determinada parte do projeto para que pudesse ser viabilizada a ideia, tanto o planejamento quanto a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem colaborativa; Interdisciplinaridade; Projeto de extensão; Responsabilidade social.

1 INTRODUÇÃO

Com as constantes alterações que estão ocorrendo no mundo todo, de cunho econômico, social, político e ambiental é oportuno uma atenção para as oportunidades existentes em cada área, na intenção de oportunizar aos alunos a busca por mudanças efetivas, de forma coletiva. Quando se fala em aprendizagem logo se pensa em professor e alunos em uma sala de aula, todos estáticos. Na contemporaneidade essa cena de ensinar e aprender progrediu satisfatoriamente, principalmente em direção a atividades mais práticas, com a finalidade de preparar os alunos para o mercado de trabalho, este se encontra cada vez mais concorrido, além disso, cada vez mais seletivo devido às exigências de formação acadêmica e também de experiências profissionais que possuam algum diferencial. Para tal, faz-se necessário que essas atividades práticas sejam alicerçadas por teorias, para que possam contribuir tanto para a formação dos alunos quanto para sanar as necessidades daqueles que são parte do projeto, ou seja, a comunidade. Os projetos de ensino e extensão são favoráveis para este novo formato de aprendizagem que coloca o aluno diretamente em contato com a prática. Para Bacich e Moran (2018): “aprendemos quando alguém mais experiente nos fala e aprendemos quando descobrimos a partir de um envolvimento mais direto, por questionamento e experimentação, a partir de perguntas, pesquisas, atividades, projetos” (Bacich e Moran, 2018, p. 2).

Pode-se inferir que o impacto social proporcionado por projetos de extensão é um processo gradativo, desafiador e demanda uma gestão de planejamento participativo que inclua o aluno como principal responsável. Isto posto, os projetos desenvolvidos com os acadêmicos contribuem para a sua formação e vem de encontro a um dos eixos da Política Nacional de Extensão Universitária (2012), contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País. Severino apud Oliveira (2007) diz:

É através do conhecimento que podemos explicitar os sentidos que devem internacionalizar nossas práticas, fazendo-as práxis emancipadoras, humanizando-nos, tornando-nos cidadãos. Sem dúvida, a educação é a prática mediadora das práticas existenciais dos homens, sendo sua função intrínseca explicitar,

sistematizar e disseminar os resultados do conhecimento para o norteamento da prática. (SEVERINO apud OLIVEIRA, P. 80)

Com base no exposto, tão importante quanto fazer práticas com os alunos, é registrá-las após, para que sirvam de modelo para o desenvolvimento de possíveis novos projetos. Esses registros ainda servem de modelos para novas oportunidades a outros docentes, instigando-os a desenvolver projetos de extensão com seus alunos, preparando-os para um futuro que exigirá, certamente, uma visão ainda diferente e mais abrangente da que se tem hoje. Assim, Melo (2014) aponta sobre a necessidade de a universidade contribuir na solução de enigmas em todas as esferas da atividade humana, adestrando a reflexão, proporcionando espaços para a criatividade e oportunizando propostas para a sociedade.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento do projeto aqui apresentado se pauta no conceito da pesquisa/ação. Definir a pesquisa-ação pode ser um ato um tanto difícil por motivos interligados: primeiro, é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e segundo, ela se desenvolveu de maneira diferente para diferentes aplicações. Tripp (2005) salienta sobre a variedade da pesquisa/ação:

Houve também quem desenvolvesse versões sob medida para utilizações e situações particulares, porque há muitos modos diferentes de utilizar o ciclo e executar cada uma das suas quatro atividades. Assim, tipos diversos de investigação-ação tendem a utilizar processos diferentes em cada etapa e obter resultados diferentes que provavelmente serão relatados de modos diferentes para públicos diferentes. (TRIPP, 2005, p. 24).

Com base nos conceitos expostos por Tripp (2015), pode-se inferir que a pesquisa/ação pode atender uma diversidade de casos, sendo reorganizada e adequada para cada um.

3 PROJETO DE EXTENSÃO E PROJETO SOCIAL

Existe uma curiosidade acerca do início das ações de extensão universitária no Brasil, e, segundo o Fórum de Extensão dos Pró-reitores das Universidades Públicas Brasileiras (2012), a extensão universitária basicamente teve início juntamente com a criação do Ensino Superior. Antes de ser considerada extensão universitária era conhecida pela oferta de cursos livres para a sociedade e, após, pela prestação de serviços, ação comunitária e assistencialismo. Logo, houve um momento de redemocratização, de movimentos populares e início do regime militar, trazendo à tona uma meditação acerca das atividades de extensão, da universidade e suas práticas de ensino, pesquisa e extensão (FORPROEX, 2012).

Pode-se inferir, com base na informação supracitada que as atividades de extensão têm como objetivo conectar a universidade com a sociedade, posicionando-se como imprescindível na formação de cidadãos empenhados com a realidade rotineira no meio em que vivem.

Em seu início, a extensão universitária oportunizava o compartilhamento do conhecimento produzido na academia para a comunidade. Sendo assim, a extensão nasce em forma assistencialista, que dissemina o conhecimento adquirido na universidade para a população (CERQUEIRA, 2012). Desta forma, o aluno egresso prepara-se para as demandas do mercado, sente-se apto a encarar o problema social como uma forma de desvendar novos caminhos, agenciando uma conexão com a comunidade local, passando a fazer parte dessa mutação, trabalhando a inclusão social e também o desenvolvimento sustentável, já que uma das dimensões da sustentabilidade é justamente o pilar social,

este, alicerça as ações de responsabilidade social. As preocupações com a sustentabilidade necessitam atender um conjugado de ações de responsabilidade social e da política das universidades diante dos problemas contemporâneos. Benvenuti (2008) destaca que o pensar na sustentabilidade faz com que a sociedade humana promova um novo modo de agir:

[...] ambientalmente sustentável no acesso e uso dos recursos naturais e na preservação da biodiversidade; que seja socialmente sustentável na redução da pobreza e das desigualdades [...]. Esse estilo tem como diretriz uma nova ética de desenvolvimento, uma ética na qual os objetivos econômicos de progresso material subordinam-se às leis que governam o funcionamento dos sistemas naturais, bem como à critérios superiores de respeito à dignidade humana e de melhoria na qualidade de vida das pessoas (BENVENUTI, 2008, p. 228).

Há de se entender que o pilar social da sustentabilidade alicerça ações voltadas não somente a sustentabilidade ambiental, mas, também, a sustentabilidade de forma geral, coletiva, social. O autor Manzini (2008) vê, por meio do design estratégico, o designer como um precursor de mudanças, e sugere que os designers não desprezem sua criatividade e habilidade metodológica em projetos individualistas, mas sim, coletivos e sustentáveis, utilizando sua criatividade para transformar os modelos predominantes e contemporâneos de desenvolver projetos, criando novos modelos de pensar e fazer, beneficiando as comunidades locais (MANZINI, 2008).



Diagrama Design Social.

Fonte: Oliveira, 2018.

Os indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE (2010) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística condizem com a dimensão social como a satisfação das necessidades humanas ou qualquer ato que possa aprimorar a qualidade de vida daqueles que vivem em condições de vulnerabilidade social, que vivem com desigualdades sociais ou que sofram pela má distribuição de renda. Stephanou (2003) relata:

Os projetos sociais nascem do desejo de mudar uma realidade. Os projetos são pontes entre o desejo e a realidade. São ações estruturadas e intencionais, de um grupo ou organização social, que partem da reflexão e do diagnóstico sobre uma determinada problemática e buscam contribuir, em alguma medida, para “um outro mundo possível” (Stephanou, 2003, p. 11)

Vale ressaltar, corroborando com a premissa acima citada, que um projeto social tem a intenção de se efetivar algo que possa atender a sociedade, estendendo-se a pessoas em condições de vulnerabilidade social, caminhado de encontro com as premissas do autor supracitado. Mesmo sendo um projeto social, não pode haver exceção para seu planejamento e execução, já que um projeto, seja qual for, vai se lapidando até sua forma definitiva, formando um esquema que surge como um esboço e caminha em um constante aprimoramento, mas pode, a qualquer instante, ser reformulado. (ARMANI, 2004).

Corroborando com o autor citado anteriormente, Baldin e Albuquerque (2012) salientam sobre a contribuição das IES – Instituições de Ensino no apoio ao aluno como ator da responsabilidade social. Sendo assim, a universidade deve realizar uma respeitável colocação social que a articulação com ensino superior, preparando cidadãos aptos a influenciar o desenvolvimento da sociedade e educando-os em sua totalidade. O elo de uma instituição de ensino superior com a sociedade caminha ainda além dos papéis institucionais tradicionais, conhecidos pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão. Agora as IES, abrangem Responsabilidade Social como mais uma de suas funções (MELO, 2014).

Como parte integrante dos projetos sociais, o Design Social é percebido como a base para que o projeto social possa acontecer. Papanek (1985) fala sobre a necessidade da prática de um design responsável, incluindo as dimensões sociais, morais e ecológicas. Este mesmo autor reforça e adianta fortemente as questões na agenda da prática de design pelas décadas seguintes, a prática do design responsável, que visa projetar para as necessidades das pessoas, em vez de seus desejos (PAPANEK, 1985).

Para entender o Design Social, existe a necessidade pensar na coletividade, na participação, conectando os alunos para desenvolver ações sociais em comunidades ajustadas à realidade local, com anseio de mudar algo para melhorar alguma situação. Sendo assim, a universidade é uma essencial ligação entre as demandas sociais e a construção do conhecimento. O desenvolvimento de um projeto social questiona acerca de como se trabalhar de forma criativa e inovadora com os alunos que estão envolvidos nas ações pertinentes ao projeto.

Masi (2002) fala sobre a criatividade, afirmando que toda pessoa tem potencial para ser criativa, mas nem todas realizam esse potencial, por não terem oportunidades de desenvolvê-lo. A criatividade precisa ser exercitada com persistência, existindo para isso técnicas e estratégias de pensamento que auxiliam no desenvolvimento do potencial criativo. Este autor ainda ressalta que na atualidade é relevante o trabalho em equipes, pois instiga a criatividade grupal. Este mesmo autor ressalta que a criatividade pode nascer não de um só indivíduo, mas de grupos e de coletividades, combinando as personalidades e motivando-os para as atividades (MASI, 2002).

Wechsler (2001) corrobora, destacando que a criatividade ainda é um fenômeno pouco praticado nas escolas, mas que acaba não sendo instigada por fatores que vão desde o cotidiano da sala de aula, momento em que o professor, talvez, não se sente estimulado, ou por deficiências em sua formação, ou ausência de métodos da criatividade, entre outros. Mas a criatividade deve ser a base para todo e qualquer novo projeto, conforme Fonseca (2015):

A criatividade não é advinda somente da pessoa criativa, ela é fruto da interação do sujeito com seu entorno [...] não é só a originalidade do criativo que deve ser observada, mas também a receptividade social que ele aglutina [...] a criação não é considerada um fenômeno interior, mas uma expressão genuinamente social, fruto da relação dos pensamentos do indivíduo com seu contexto [...] (Fonseca, 2015, p. 65).

A criatividade aliada a utilização do design social tem alusões importantes para o Design, com possibilidades de artefatos com significados e que farão parte das relações entre as pessoas, como efeito, acontece a transformação da própria atividade do designer, principalmente, no aumento da sua criatividade.

Há de se pensar que existem metodologias pautadas na produção criativa, que auxiliam a prover ocasiões para os alunos possam ter acesso às ações ideais de aprendizagem, priorizando a integração dentro do contexto educacional.

Pode-se considerar a criatividade como um processo de inovação, já que inovar requer um espírito imaginativo de indivíduos e equipes e da renovação constante das pessoas e também do apoio dado pelas IE em constituir oportunidades que possibilite a criatividade e a inovação. Cabe as IE ver a inovação e a criatividade como um processo

estratégico que irá preparar o aluno para o futuro. Pensar a criatividade supõe uma atitude, uma probabilidade que leva os alunos a procurar ideias, manejando conhecimentos e novos experimentos.

Em suma, um projeto social que agrega a criatividade pode melhorar ou mudar uma realidade de forma mais aceitável, aproximando o que se deseja e a realidade, por meio das ações de um grupo ou organização social que utilizam como base uma problemática descoberta, logo, uma oportunidade de cooperar criativamente para a mudança ou melhoria dessa realidade.

4 RESPONSABILIDADE SOCIAL

Um bom caminho para o entendimento do termo responsabilidade social pensar em tudo que é filantrópico à sociedade e também para o meio ambiente com foco no auxílio as classes de baixa renda, desempenhando o papel social. Quando se pensa em responsabilidade social, há de se entender, segundo Melo (2015) que se trata de uma essência prática, moral e clara, de relacionamento adequado entre as partes interessadas, com foco em beneficiar a comunidade por meio de projetos que também visem a prevenção do meio ambiente, uma vez que, para a sociedade, a concordância de responsabilidade social é estar síncrona com a sustentável. Para Melo (2015) a responsabilidade social precisa abarcar os conceitos da sustentabilidade, já que existe uma integração cooperativa entre sujeitos em direção ao bem-estar coletivo, dessa forma, trazendo a conexão entre as dimensões social e econômica, cultural, ambiental e local. Dessa forma, existe uma harmonia entre os atores, alunos, e a sociedade, resultando em projetos voltados para o bem-estar coletivo.

Embora a vulnerabilidade social seja um conceito de recente formulação, para Padoim e Vergolim (2010) há um consenso entre os autores que estudam essa temática sobre a abrangência de inúmeras dimensões, a partir das quais identifica-se situações de vulnerabilidade dos indivíduos, famílias ou comunidades. Essas dimensões estão ligadas a características grupais e individuais e também do meio social no qual estão inseridos. Por esta razão, inserir os alunos no meio em que está sociedade vive é relevante para que todo o direcionamento do projeto aconteça de acordo com as reais necessidades, já que está se falando de um público que se encontra em condições de vulnerabilidade social.

Pedersen e Silva (2013) afirmam que o conceito de vulnerabilidade social caracteriza uma quantia da população se encontra em uma situação desfavorável em relação a outros. A vulnerabilidade social, então, distingue-se por ser uma condição em que grupos ou indivíduos se encontram depostos de aptidão para as ocasiões sociais, econômicas e culturais oferecidas pelo mercado, pelo estado ou mesmo pela sociedade, como: trabalho, lazer, acesso à educação e cultura, corroboram para o crescimento da situação de vulnerabilidade social.

5 O PROJETO

A escola tem grandes dificuldade em acompanhar as rápidas mudanças que a sociedade enfrenta. A Internet teve um impacto transformador junto a sociedade, promovendo mudanças na forma de se informar, comunicar e interagir. O acesso fácil à informação e o surgimento de tecnologias emergentes trazem novos desafios e oportunidades.

Como consequência, a globalização, a crescente complexidade de mercados cada vez mais dinâmicos, e as mudanças ecológicas são as mais frequentes tendências percebidas ao longo dos últimos anos. Para Highsmith (2004), o desenvolvimento de novos produtos e serviços no atual mundo de negócios e tecnologias complexas carece de uma mentalidade que está apregoada na inovação. Esforçar-se para agregar valor ao cliente,

criar um produto que atenda as atuais exigências do cliente, conduz esse contínuo processo de inovação. Highsmith (2004) diz que ideias inovadoras não são geradas em ambientes estruturados, autoritários, mas em uma cultura adaptável baseada nos princípios da auto-organização e autodisciplina.

Com isso, destaca-se a importância na formatação de um bom projeto. Os projetos são claramente definidos com características fortemente atreladas a documentação, funções e requisitos. Neles, o produto somente faz sentido quando é entregue praticamente na sua totalidade, ou seja, próximo dos 100% do cumprimento do projeto é que o cliente perceberá algum valor (WYSOCKI, 2006). Melo (2014) corrobora: “os projetos ainda são a melhor solução para organizar ações sociais uma vez que eles “capturam” a realidade complexa em pequenas partes, tornando-as mais compreensíveis, planejáveis e manejáveis”. (MELO, 2004, p. 18).

É sob esse cenário que o referido projeto foi pensado, envolvendo os Cursos de Bacharelado em Moda, Bacharelado em Administração. Os discentes de Moda pertenciam ao 7º semestre, já do Curso de Administração, eram do 3º semestre e, ainda, envolvidos no projeto, os alunos pertencentes a CONMODA – Consultoria Júnior de Moda, como suporte no auxílio com a divulgação, produção dos artefatos e entrega final dos produtos. Este modelo de “Aprender - fazendo” em que os princípios conceituais serão aplicados a partir de vivências e questões práticas, fundamentadas pela realidade em questão, colabora no preparo dos alunos para as demandas futuras.

A atividade foi desenvolvida em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS) da cidade de Maringá/PR. Esta secretaria é a responsável pela gestão da Política de Assistência Social no município, visando a garantia da proteção social a quem dela precisar e a promoção da cidadania, por meio da implementação do Sistema Único da Assistência Social - SUAS em Maringá.

5.1 As Equipes

As equipes foram compostas por 98 alunos (duas turmas) do Curso de Administração e 25 alunos (uma turma) do Curso de Moda, somando 8 (oito) equipes e houve a destinação de dois professores focais mais os coordenadores de ambos os Cursos, que deram suporte necessário às equipes durante a realização de todo o projeto.

Para que o projeto pudesse acontecer, ambos os Cursos ficaram responsáveis por etapas pertinentes ao projeto, que aconteceram por ordem hierárquica.

5.2 As Etapas do Projeto

Cada etapa do projeto demandou um determinado tempo e também que as equipes estivessem bastante alinhadas em termos de organização, dedicação e planejamento. Cada Curso, conforme citado acima, teve suas etapas cumpridas pela ordem abaixo:

Curso de Administração

- Identificação e seleção da entidade – Desenvolvimento do Projeto - Escopo – Custo – Tempo – Qualidade – Pessoas – Risco – Aquisições – Stakeholders - Comunicação – Integração.

Curso de Moda

- Desenho de estilo – Ficha Técnica – Modelagem – Peça piloto – Produção das peças.

Vale ressaltar que os grupos de cada Curso estiveram unidos e em comunicação contínua durante todo o período do projeto.

5.3 As Entidades

Algumas entidades foram selecionadas para receberem os produtos, de acordo com as demandas que estas mesmas narraram aos alunos. A Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS) foi quem auxiliou os alunos na demanda de selecionar as entidades. Diversos foram os produtos desenvolvidos pelos alunos, cada qual foi pensado para atender uma necessidade da entidade selecionada. Abaixo, os produtos que foram desenvolvidos, produzidos e entregues e suas respectivas entidades:

Projeto	Produto desenvolvido	Entidade atendida
1	Camisas para idosos com sistema de acessibilidade	Voluntários do Bem em parceria com a Igreja Santo Cura D'ars Paçandu
2	Uniformes para jogos escolares do Lar Escola.	Lar Nossa Senhora da Esperança
3	Máscaras protetoras para pessoas comunidade em condição de vulnerabilidade.	Secretaria Municipal de Saúde de Maringá
4	Lençóis com frases de otimismo	Voluntários do Bem
5	Coletes para atividades práticas	Lar Escola de Maringá
6	Alpargatas flexíveis para idosos	Albergue Santa Luiza Marillac
7	Maiôs para natação infantil	Centro Social Comunitário Madre Rafaela Ybarra
8	Pijamas com acessibilidade para idosos	Voluntários do Bem

Fonte: acervo da autora.

5.4 A Logomarca do Projeto

Os elementos visuais passam a ser demonstrativos da importância que a logomarca ocupa na contemporaneidade. Uma logomarca sinaliza a ideia, a essência do que ela representa. Para que pudesse simbolizar a parceria e ficar identificado perante a sociedade, o projeto contou com uma logomarca que foi desenvolvida pelos alunos envolvidos no projeto, exemplificando, por meio da imagem, uma união dos dois Cursos, Moda e Administração.



Fonte: acervo da autora.

5.5 A Entrega dos Produtos

A entrega aconteceu no campus da IES privada a qual os alunos pertencem, os alunos planejaram uma entrega no térreo do bloco ao qual eles estudavam, momento em que um representante de cada entidade assistida foi até a IES buscar os produtos. O momento foi bastante favorável e movimentou a emoção de todos os envolvidos no projeto, alunos e entidades, que, ao final, ficaram bastante satisfeitos. Segue imagens da entrega de alguns dos produtos citados acima.



Fonte: acervo da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir os conceitos de responsabilidade social e sua contribuição no cultivo do conhecimento e na concretização da sustentabilidade, da cidadania, apontou-se as possibilidades da universidade em prestar sua contribuição na construção de uma sociedade socialmente justa.

Os projetos de extensão caminham de mãos dadas com a universidade que requer o desenvolvimento e a disseminação de novos conhecimentos e saberes. A sustentabilidade, alicerçada por seus pilares, traz boas reflexões sobre a complicação ambiental e ocasiona uma compreensão para que os alunos se tornem novos atores sociais, com conhecimento teórico e ações práticas, mobilizando a sociedade em prol de melhorias.

Para que o ensino possa ser um processo educativo pronunciado e vinculado com a prática da sustentabilidade e a sociedade, faz-se necessário que professores e alunos estejam a frente da causa, para que possam participar apoiados por uma lógica que faz o diálogo com as diferentes áreas de saber. Existem valores que guiam as práticas sociais e que vão muito além do que se ensina e aprende em sala de aula, interagir com a sociedade implica em um ato benevolente, que, com o desenvolver do projeto, articula mudanças na forma de pensar e transforma o conhecimento e as práticas educativas em experimentos que guiarão a jornada profissional dos alunos.

Em suma, o projeto foi bastante satisfatório como um todo, oportunizou uma nova maneira de ensinar e fez com que todos os envolvidos se sentissem satisfeitos com as ações práticas desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos. **Como elaborar projetos?** - Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
BALDIN, Nelma; ALBUQUERQUE, Cristina (Org.). **Novos desafios na educação: responsabilidade social, democracia e sustentabilidade.** Brasília: Líber Livro, 2012.

BENVENUTI, C. **Desenvolvimento humano Sustentável**. In: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO DO VALE DO ITAJAÍ, 2., 2008, Balneário Camboriú-SC. **Anais...** Balneário Camboriú-SC: Universidade do Vale do Itajaí, 2008, p. 220-235. Disponível em: <http://www.ubq-rj.com.br/cbqp%5CEcodesign_sustent.pdf>. Acesso em: 5 jun 2021.

CERQUEIRA, F. *et al.* **Refletindo sobre a extensão e suas práticas**. Geografia ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 16, n. 3, p. 150-156, set./dez. 2012.
FÓRUM DE EXTENSÃO DOS PRÓ-REITORES DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM: FORPROEX, 2012.

FONSECA, A. **Processo Criador em Ensino de Moda**. 2015. 300 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Faculdade de São Paulo. São Paulo, 2015.

HIGHSMITH, J. **Agile Project Management: creating innovative products**. Boston: Addison-Wesley, 2004.

IBGE. **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2010**. 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/ids2010.pdf. Acesso em: 22 jun.2021.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade** – Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2008.

MASI, D. (2002). **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante.

MELO, Edson de. **Responsabilidade Social: uma Análise das Ações no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do ItajaíUNIDAVI**. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Rio de Janeiro. 2014.

OLIVEIRA, M. V. M.; CURTIS, M. C. G. **Por um design mais social: conceitos introdutórios**. Revista D.: Design, Educação, Sociedade e Sustentabilidade, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 20-36, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172835/001058743.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 23 jun 2021.

PADOIN, Isabel Graciele; VIRGOLIN, Isadora Wayhs Cadore. **A vulnerabilidade social como uma dificuldade a participação política**. Seminário interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão. UNICRUZ, 2010.

PEDERSEN, J. R. & Silva, J. A. (2013). **A exploração sexual de crianças e adolescentes e sua relação com a vulnerabilidade social das famílias: desafios à garantia de direitos**. In K. B. Krüger & C. F. Oliveira. (Orgs.), *Violência intrafamiliar: discutindo facetas e possibilidades*. (pp. 45-64). Jundiaí: Paco.

STEPHANOU, Luis et al. **Guia para elaboração de projetos sociais**. Porto Alegre: Fundação Luterana, 2003.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WECHSLER, S. M. (2001). **A educação criativa: possibilidade para descobertas**. In S. Castanho, S. & M. E. Castanho (Orgs.), *Temas e textos em metodologia do ensino superior* (pp.165-170). Campinas: Papirus.

WYSOCKI, R. **Effective software project management**. Wiley Publishing, Inc. 2006.